
Mário Lanza



ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 46)

Edição de Aguiar & Dias, L.da — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa

MÁRIO LANZA

UMA VOZ QUE VALE MILHÕES

◆

A HISTÓRIA DO MAIOR TENOR CONTEMPORÂNEO



Mário Lanza quando tinha seis meses. Com esta tenra idade já o que haveria de ser um grande cantor adormecia e acordava ao som de música de ópera, de que sua mãe era muito aficionada.

A VERDADE SOBRE MÁRIO LANZA

— Na minha idade — dizia Mário Lanza em 1951, quando tinha, portanto, 30 anos — Caruso ainda não tinha aparecido, não sabia quanto valia, não era nada. Não me considero um cantor com a grandeza de Caruso, pois o artista nunca se acredita igual ao seu ídolo, embora os outros possam achá-lo superior. O que é certo, porém, é que aos 29 anos, Caruso se esganiçava no si-bemol agudo, como posso provar com um disco que possuo. É certo que ainda não cantei no «Metropolitan Opera House», mas quando chegar esse dia, vai ser um acontecimento retumbante, exactamente como aconteceu com a minha estreia no cinema. O mundo ainda não ouviu falar de mim, mas esperem que eu me aperfeiçoe...

Por estas palavras do cantor pode avaliar-se um pouco o seu carácter.

A voz de Lanza tem milhões de adeptos por esse mundo fora, e foi ela que o arrancou à obscuridade do bairro italiano de Filadélfia, para, de um momento para o outro, o guindar até uma posição sem precedentes no mundo do bel-canto.

Mas contemos a verdadeira história desse mocetão que chegou a pesar 136 quilos, e a quem Deus mimoseou com uma das mais extraordinárias vozes de tenor de todos os tempos.

Mário Lanza, a quem alguns chamam «A dádiva de Deus», veio ao mundo a 31 de Janeiro de 1921. Mário, cujo verdadeiro nome é Alfredo Arnold Cocozza, nasceu e criou-se numa das mais turbulentas ruas de Filadélfia, e esteve em perigo de se converter num rapaz mau.

Seus pais, António e Maria Cocozza, educaram esse filho único com demasiada indulgência.

O velho Cocozza, veterano da primeira Guerra Mundial, quase inválido em virtude dos ferimentos recebidos na conflagração de 1914-1918, era incapaz de dominar o endiabrado Freddy — assim era Mário conhecido familiarmente.

Sua mãe, Maria Lanza Cocozza, tivera um sonho na vida: ser cantora de ópera. Mas seu pai acreditava que o caminho do palco era o caminho da perdição, opondo-se a esse desejo da filha que, mais tarde, conheceu e se enamorou de Tony Cocozza, com quem veio a casar.

Todo o dinheiro que Maria conseguia amealhar era para proceder à compra de discos de ópera, que escutava embevecida. E de tal modo a senhora estava embevecida pela ópera que, quando o filho era pequeno, o adormecia e despertava ao som das mais belas árias, cantadas pelos melhores divos mundiais.

Entregue aos seus afazeres domésticos e à sua tarefa de costureira na Intendência de Guerra, o que lhe valia um magro pecúlio com que ocorria às despesas para as quais a pensão do marido, como inválido de guerra, era insuficiente, Maria também não podia dedicar-se com verdadeiro afinco e atenção à educação do pequeno Freddy, que cresceu estragado pelos meninos e nutrindo verdadeira aversão pelos estudos e pela escola.

Um dos seus antigos professores, ao referir-se a Mário, ainda hoje costuma dizer:

— Mário foi um dos mais temíveis vadios que tenho encontrado ao longo de toda uma vida dedicada ao ensino.

O que atormentava os professores, no que a Mário dizia respeito, não era pròpriamente o seu desleixo pelos estudos, mas sim as suas actividades estranhas ao próprio estudo, como, por exemplo, o gritar obscenidades da varanda do auditório, ou apossar-se, pela força bruta, dos compêndios



Mário quando tinha dois anos e era o enlevo dos pais.

dos colegas, para depois os vender aos antigos donos.

Já então, cônscio da sua poderosa voz, gostava de se aproximar sorrateiramente das vítimas, nos corredores da escola, berrando-lhes aos ouvidos.

O facto de sua mãe o habituar desde muito pequeno a escutar trechos de ópera, acrescido à coincidência de na rua em que morava e muito perto da sua casa, existir uma loja de discos, que atirava para o ar, a todo o volume, trechos de óperas italianas, tornou Freddy, desde a mais tenra idade, grande admirador desse género de música e incansável ouvinte da grande colecção de discos de que sua mãe era proprietária.

Certo dia, quando tinha apenas sete anos de idade, Freddy fez girar, por vinte e sete vezes seguidas, no disco do gramofone, uma gravação de Enrico Caruso que, desde então, se transformou no seu ídolo.

— Aos doze anos — confidencia sua mãe — ouvi-o cantar pela primeira vez. Senti-me transportada ao céu. Aquilo parecia-me demasiado belo para ser verdadeiro. Naquele dia, estando à porta da saleta, ouvi Mário, que tinha, então, aproximadadamente, doze anos, cantar a ária de «The Girl of the Golden West», que aprendera por ouvir várias vezes num disco de Caruso. As lágrimas que me saltaram dos olhos, impediram-me de ver, mas

logo compreendi que Mário ia ter a mais extraordinária voz de tenor dos nossos tempos.

De então para cá Maria Lanza Cocozza trabalhava com redobrada vontade, até quase gastar os dedos nos seus labores para que o filho tivesse oportunidade de escutar, durante todo o dia, os discos que haveriam de ser os seus verdadeiros mestres.

Além disso, Maria recebia em sua casa todos os músicos italianos que conhecia. Fazia-os cantar, tocar e falar de música, para que Mário ouvisse e aprendesse.

Certo dia em que, no seu quarto, Mário escutava uns discos, explodiu, de súbito, num dueto com Enrico Caruso. Os pais escutaram-no, impresionados. E resolveram discutir o assunto, ficando assente que Freddy, o explosivo Freddy, deveria tomar lições com um professor de canto que lhe educasse a voz, desenvolvendo as suas naturais aptidões.

Assim, Freddy apresentou-se a Irene Williams, ex-cantora lírica, que, durante dois anos, lhe deu lições de canto, dia sim, dia não.

A professora Williams depressa se convenceu de que o rapaz tinha grandes possibilidades. Mas, por outro lado, o aluno era relaxado, pouco disposto ao estudo e ao exercício, levados de maneira séria.

Mário tinha, então, dezanove anos, e havia alguns anos já que estudava piano. Ou melhor: que tomava lições de piano, sem grandes progressos.

Irene Williams relembra:

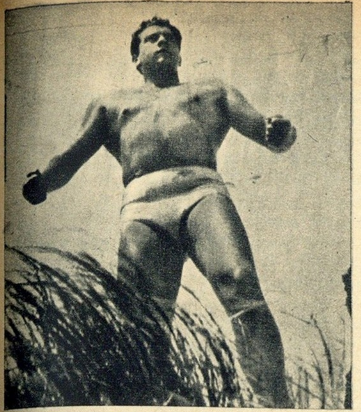
— Eu costumava repreendê-lo por ser tão preguiçoso, enquanto sua mãe trabalhava tanto. Mas ele dizia que ela trabalhava assim porque gostava.

Após ano e meio de lições com a professora Williams, o avô materno de Freddy, armazenista de géneros alimentícios (mercearias), bateu o pé, decidindo que era tempo de Freddy — um rapagão com belo corpo para fazer outra coisa que não fosse abrir as goelas — trabalhar a valer. E assim Mário se viu elevado à qualidade de condutor de um dos caminhões do avô. Mas o rapaz não se manteve naquele serviço de transporte e entregas de géneros mais do que uma semana e meia.

Passado esse tempo, a professora Williams descobriu-o com grande alvoroço. O doutor Sérgio Kussevitski regia, na noite em que ela descobrira o seu aluno, um concerto na Academia de Música de Filadélfia. O protector da arte musical, doutor John Nobbe, e o director de concertos, William Huff, que já conheciam a voz de Freddy, tinham empenho em que o jovem tenor cantasse para o famoso regente.



Quando era um rapazinho de 8 anos, Mário, os pais e o tio Robert Lanza, com quem aparece nesta foto, viviam com o avô, armazenista de mercearias.



Aos quinze anos de idade, Mário tinha já um físico impressionante. Hoje ele orgulha-se dos seus 127 centímetros de peito e 43 de bíceps, o que demonstra que nem só de gorduras é feita a sua envergadura.

A audição foi marcada. Kussevitski não parecia acreditar demasiado nas possibilidades daquele rapagão com menos de um metro e oitenta de altura e mais de cem quilos de peso.

Mário escolheu para interpretar na referida audição a ária «Vesti la Giuba», da ópera «Os Palhaços», de Leoncavallo. E fê-lo de modo tão surpreendente que o incrédulo maestro não teve qualquer hesitação em afirmar:

— É uma grande voz!

E, mais do que com essa afirmação, Kussevitski provou que acreditava sèriamente nas possibilidades do novel cantor, convidando-o a ingressar no «Berkshire Center».

Foi a partir de então que Alfredo Arnold Cocozza adoptou o nome de solteira de sua mãe, Maria Lanza, trocando, claro está, o nome feminil de Maria pelo masculino de Mário.

Já com o seu novo nome, Alfredo seguiu com uma bolsa de estudo para o festival de 1942, realizado em Tanglewood, no Estado de Massachussets, onde formava, juntamente com o maestro e compositor Leonard Bernstein, o «duo» dos favoritos do doutor Kussevitski.

Após o festival, Mário Lanza assinou contrato com a Sociedade de Concertos Colúmbia.

Num momento de seriedade, disse à professora Williams

— A senhora mostrou-me o lado bom da vida. E muito me agrada apreciá-lo.

Antes de completar os vinte anos, Mário abandonou o lar paterno e partiu para Hollywood, onde desempenhou as mais díspares funções.

Aí, quando era criado de café, conheceu John Carroll, um cantor em pleno êxito e um apreciado «astro» do cinema.

— Nessa altura Mário Lanza pesava «apenas» cento e trinta e seis quilos — recorda com um sorriso nos lábios, o velho John Carroll — e era um rapaz simples, tímido,



Embora o pugilismo seja o seu desporto favorito, Mário gosta também de praticar o hipismo e as corridas pedestres. Aqui, Mário, como bom cavaleiro, vai cuidar da montada.

modesto, amável e muito italiano, que sempre pagava as partidas que outros faziam. Costumávamos cantar juntos até de madrugada.

E continuando a falar de Lanza e do tempo em que com ele travara relações que mais tarde haveriam de ser de pura e verdadeira amizade, John Carroll confidencia:

— Disse-lhe que tentasse baixar um pouco de peso, que depois me encarregaria de tentar arranjar-lhe uma audição em qualquer estúdio. Estava seguro de que Mário poderia chegar a ser o maior cantor do nosso tempo.

John Carroll não pôde, porém, dar execução aos seus desejos, porque os vinte e um anos de Mário chegaram e com eles a obrigação da prestação normal do serviço militar.

Convocado para as forças armadas, Mário foi apurado e, dadas as suas características físicas e o estudo que dele fizeram, pelos seus métodos insondáveis, os técnicos militares convenceram-se de que estava ali um belo elemento para servir na Polícia Militar.

Primeiro, Mário foi mandado para a Flórida e, mais tarde, para a base aérea de Marfa, no Estado do Texas, onde teve como companheiros inseparáveis a poeira e o calor.

No dia em que o soldado Lanza entrou nos escritórios dos Serviços Especiais, acorrendo a um chamamento do cabo Johnny Silver, havia já alguns meses que vinha a resmungar contra a interrupção da sua carreira artística.

Do que foi esse primeiro contacto com o que seria o maior cantor da actualidade, melhor será que demos a palavra ao próprio Johnny Silver, cabo dos Serviços Especiais.

— Quando se me apresentou — diz ele — Mário Lanza estava de camisa aberta, não tinha bivaque, nem cordões nas botas. Em seis meses não havia tomado um só banho nem descalçado as peúgas. E pesava cento e trinta quilos! Não ligava a menor importância fosse ao que fosse, ou a quem quer que fosse.

Depois de algumas diligências bastante trabalhosas, o cabo Silver, que mais tarde seria figura de algum relevo na Broadway, conseguiu retirar Mário da Polícia Militar, transferindo-o para os Serviços Especiais, onde o fogoso rapaz de Filadélfia foi colocado como cantor.

Essa transferência tão apetecida fez criar a Mário Lanza uma alma nova, e tornou-o amigo inseparável de Silver, com quem depois trabalhou em vários espectáculos.

Pouco depois surgiu para Mário uma nova oportunidade, na indicação do seu nome para uma audição com o sargento Peter Lind Hayes, artista cómico de clubes nocturnos e da televisão, que percorria as guarnições militares em busca de elementos aproveitáveis para o elenco de uma peça a ser apresentada pela Força Aérea. Mas nessa altura Mário tinha a garganta de tal modo inflamada que não podia cantar.



Mário reviveu em algumas cenas de «Nas redes do amor», tal como mais tarde em «O grande Caruso», os tempos em que não era mais do que um aluno de canto, embora com uma voz privilegiada.



Em 1942, depois de ter tomado parte num festival realizado em Tanglewood, no Estado de Massachussets, que lhe valeu a assinatura de um contrato com a Columbia, Mário Lanza foi chamado a prestar serviço militar.

Silver, que já o escalonara para tomar parte no espectáculo em perspectiva, teve uma ideia que poderia resultar magnìficamente: escreveu o nome de Lanza num rótulo e colocou-o num disco em que gravara a irradiação de uma ária da ópera «A Tosca», de Verdi, cantada pelo insigne tenor Frederik Jagel.

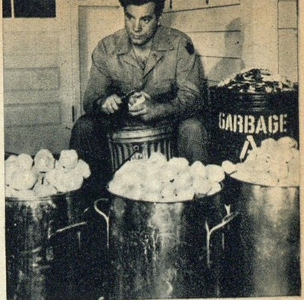
Aquela voz causou a Lind Hayes excelente impressão, e desde logo aprovou a escolha daquele tenor.

Mais tarde, quando Mário, restabelecido da enfermidade de garganta que o atacara, pôde cantar a mesma ária, Hayes ficou maravilhado, a tal ponto, que não pôde calar-se, dizendo imediatamente para o rapaz:

— Você agora cantou ainda melhor do que quando gravaram o disco.

Desde esse dia, não contente com esta versão do episódio, que não satisfazia plenamente a sua sede ardente de glória e a sua incomensurável vaidade, Lanza passou a afirmar que aquele disco fora gravado com a voz de Caruso...

Depois desse espectáculo da Força Aérea, o soldado Lanza tomou parte noutra peça, mas o seu grande sucesso na carreira militar obteve-o ele quando, durante umas férias que passou em Los



Não, esta foto não se refere ao tempo em que Mário esteve na tropa, mas sim a uma película sua, de ambiente militar, que é um pouco da sua história: «O cantor apaixonado».



Outra cena do mesmo filme, onde o fato à paisana e de bom corte de Mário, destoa dos uniformes de serviço envergados pelos seus companheiros de formatura.

Tal como aconteceu na realidade com Lanza, também nesta película o cantor, depois de ter «amargado» na instrução, deu vários espectáculos para as forças armadas, deliciando os companheiros de armas com a sua voz.





Quando era ainda soldado, numa festa em Los Angeles, a que assistiram várias celebridades de Hollywood, cantou das 11 da noite às 7 da manhã.

Angeles, numa festa em que participaram alguns dos mais célebres e destacados nomes de Hollywood, cantou desde as onze da noite até às sete horas da manhã seguinte.

Com essa sua verdadeira «maratona» cantante, Mário conquistou um grande número de admiradores influentes.

Entre estes contava-se Frank Sinatra, que o convidou a passar em sua casa o restante tempo de férias.

Hedda Hopper e Walter Pidgeon também se interessaram por Mário Lanza, e o agente de uma fábrica de discos, de certa importância, ofereceu-lhe um contrato para gravação, tendo como gratificação pela sua assinatura, três mil dólares.

Pouco tempo depois destes acontecimentos agora narrados, corria então o mês de Janeiro do ano de 1945, Mário conseguiu, mediante a apresentação de um atestado médico, obter baixa do serviço militar.

Logo a seguir a ter conseguido a sua saída do exército, Mário fez uma rápida viagem a Hollywood a fim de casar com uma encantadora jovem chamada Betty Hicks, irmã de um seu companheiro de armas, regressando, logo de seguida, a Nova Iorque.

Com certas dificuldades, Mário lá foi conseguindo alguns contratos para cantar em espectáculos radiofónicos e em concertos efectuados em pequenas cidades.

Porém, a sua voz não correspondia ainda ao que dela desejava sacar e, sobretudo, não lhe proporcionava os recursos suficientes que lhe permitissem pagar as dívidas que acumulara em consequência da vida dispendiosa a que se havia habituado durante os anos em que actuara nos espectáculos do Exército.

Desanimado, adoentado e sem vintém, Mário começava a desesperar quando, certo dia, achando-se no estúdio de um ensaiador de cantores, se encontrou com a «sua fortuna», personificada por um pequeno e vivo cavalheiro que exercia a profissão de cor-

Quando, em 1945, obteve baixa do serviço militar, Mário fez uma rápida viagem a Hollywood para desposar Betty Hicks, irmã de um companheiro de armas.



rector de imóveis, com o qual travou conhecimento.

Sam Weiler, assim se chamava o seu novo conhecimento, era um homem de bastos recursos materiais, cujo sonho e mais desvelada ambição era tornar-se num grande cantor. Mas, na mesma medida em que acalentava essa ambição, Weiler tinha a perfeita percepção de que jamais poderia aspirar a tornar-se um segundo Caruso. Por isso, quando ouviu Mário cantar, entusiasmando-se com a pureza e volume da sua voz — embora mal colocada e trabalhada — não teve a menor relutância em lhe afirmar categòricamente:

— Vou transferir para si a minha carreira de cantor.

E o patrono e empresário Weiler como primeiro passo dessa aliança artística que fizera com Mário Lanza, resolveu pagar a linda soma de 11 mil dólares, correspondente ao montante das dívidas contraídas pelo tenor e cancelou todos os contratos que este havia assinado com as emissoras de rádio e os salões de concerto. Além disso, Sam Weiler passou a conceder-lhe um subsídio semanal de 90 dólares, a fim de Mário poder ocorrer às despesas de manutenção da sua família.

Mas não ficou por aí este novo «Mecenas». Mandou que Mário tomasse lições com o insigne professor Enrico Rosati — o homem que fora professor do célebre Beniamino Gigli — e contava então setenta e dois anos de idade.

Antes de poder adquirir a certeza de que a inversão do seu capital tinha possibilidades de se transformar num negócio rendoso e, portanto,

Depois de obter o seu triunfo artístico, Mário «posa» com os pais.



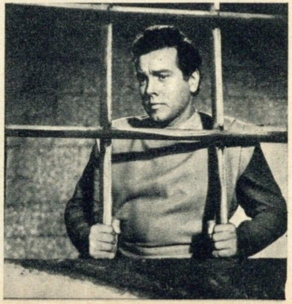
MÁRIO LANZA
UM
CANTOR FENOMENAL

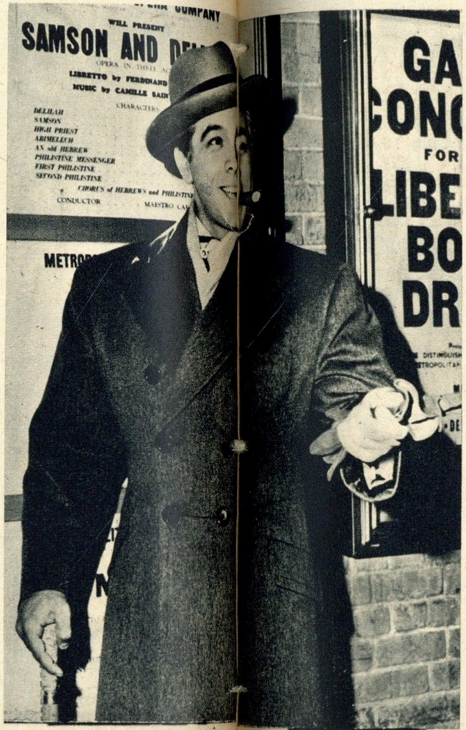






















racional, Sam Weiler despendeu com Mário Lanza a quantia astronómica de 90 mil dólares, o que, na nossa moeda, equivale, aproximadamente, a dois milhões e setecentos mil escudos.

Quando Mário cantou para que Rosati apreciasse as suas possibilidades, o velho maestro chorou de comoção e os seus lábios deixaram escapar comovidamente estas palavras que eram o maior elogio para Mário e a melhor resposta para as dúvidas que Weiler pudesse ter quanto às possibilidades do seu pupilo.

— Estive à sua espera 34 anos, desde os tempos de Gigli...

A categoria de Enrico Rosati como mestre, fez o milagre de levar Mário a estudar durante 15 meses com verdadeiro carinho, trabalhando com o maior afinco. E a sua vontade de progredir e de aprender foi de tal modo férrea que Mário aprendeu até a ler música, aspecto da sua preparação que sempre negligenciara e pelo qual mostrara verdadeira e decidida aversão.

Esta verdadeira aprendizagem proporcionou a Mário uma segurança que lhe permitia afrontar o público sem que sentisse mais o angustioso nó que, anteriormente, o medo lhe punha na garganta, sempre que tinha de cantar em qualquer concerto.

A sua voz, agora já trabalhada convenientemente, começou a celebrizar-se, pela sua potência, pela sua extensão, pelo seu volume e pelo seu timbre rico de pureza. A reputação e os salários de Lanza começaram — como era lógico e natural — a subir. Os grandes empresários começaram a interessar-se pelo cantor, que obtinha triunfos sucessivos.

Um dos primeiros grandes êxitos de Mário Lanza foi obtido no Grant Park, de Chicago, onde entusiasmou, com a sua voz maravilhosa, uma multidão calculada em cinquenta e cinco mil pessoas.

Na noite seguinte, depois do «Chicago Tribune» ter dado, na primeira página, uma notícia sob o título «Lanza nasceu para cantar», a multidão que foi ouvi-lo e aplaudi-lo



Mário ensaiando, em sua casa, um trecho de ópera, acompanhado ao piano por sua mulher, Betty Hicks.

delirantemente, computou-se, a despeito da chuva que caía, em setenta e seis mil pessoas.

Ao mesmo tempo, Mário ia gravando, a título experimental, até que a fábrica considerasse a sua voz em forma tão apurada que justificasse a gravação de discos comerciais. E em breve se iniciaram essas gravações.

Alguns destes discos chegaram a Hollywood e foram escutados por um dos directores do Hollywood Bowl, o célebre recinto ao ar livre, onde se desbobinam os mais categorizados espectáculos.

O grande empresário gostou tanto da voz daquele novo cantor que o contratou para o seu recinto. E Mário cantou pela primeira vez no Hollywood Bowl, no final do ano de 1947. Nessa audição, para empregar as próprias palavras do cantor, obteve Mário um «êxito fracturante».

Foi aquele concerto, pode dizer-se, que o catapultou para os píncaros da fortuna. Na verdade, no dia seguinte, pela manhã, Mário Lanza cantou, num estúdio de som, onde abundavam os produtores e realizadores cinematográficos, que classificaram como ouro o puro e vibrante metal da sua voz.

Completamente extasiados por tão soberbo instrumento vocal, os magnates de Hollywood viram ali um filão aurífero que era preciso aliciar e conservar a todo o custo. E, para isso, não hesitaram em oferecer àquele que sempre vivera com tantas dificuldades económicas, umas «luvas» de dez mil dólares para que assinasse um contrato com a duração de sete anos, que o prenderia ao estúdio apenas seis meses em cada ano.

Também sem hesitações, julgando-se ainda possuído por um sonho maravilhoso em que já se via nadando em ouro, Mário Lanza assinou o referido contrato com a Metro Goldwyn-Mayer, uma das mais fortes e conceituadas empresas cinematográficas mundiais, em cujos elencos figuravam nomes fulgurantes como os de Robert Taylor, Jenifer Johnnes, Jane Powell, Esther Williams, Mickey Rooney, Greer Garson, Walter Pidgeon e tantos outros.

Em Junho do ano seguinte (1948), Mário transladou-se para Hollywood, instalando-se com sua esposa, seus pais que o idolatravam, a velha grafonola da sua infância e um disco de ouro de 45 rotações, presente da fábrica gravadora, em reconhecimento dos lucros auferidos pelas astronómicas vendas dos seus discos, todos eles disputados por um público delirante e entusiasta, em Beverly Hills.

Mas Mário pesava então mais de cem quilos, o que era demasiado para um cantor-galã. Assim, teve de suportar um rigoroso regime de emagrecimento até atingir os setenta e oito quilos, antes de iniciar já em 1949 o seu primeiro filme, «That Midnight Kiss» (Aquele beijo à meia-noite).

Enquanto decorreram as filmagens desta película, em que Lanza contracenou com Kathryn Grayson, uma famosa actriz-cantora, o realizador pesava-o todos os dias, pela manhã, como é costume fazer-se com os jóqueis.



Mário, Betty e sua filha Elisa, em casa. Foi exactamente no dia em que nasceu Elisa, a sua segunda filha, que Mário Lanza debutou perante as câmaras cinematográficas, assinando um contrato por 7 anos com a Metro-Goldwyn-Mayer.



«Aquele beijo à meia-noite» foi a primeira película de Lanza. Corria o ano de 1949. Já em 1950, Mário Lanza interpretou o seu segundo filme, contracenando com uma bela cantora, Kathryn Grayson. Eis uma cena desse filme.

O seu segundo filme foi «The Toast of New Orleans» (Nas redes do amor), em 1950, ainda com Kathryn Grayson. Aqui Mário apresentou-se mais gordo, tal como aconteceu quando das tomadas de imagens de «The Great Caruso» (O Grande Caruso), onde teve como parceira Ann Blyth.

— Foi propositadmente que engordei para esses dois filmes — afirma Mário Lanza, que é muito sensível quanto a este ponto. — Eu desejava parecer-me com Caruso. Que queriam que eu fizesse? Que enfiasse um travesseiro por debaixo da roupa?

Estamos certos, porém, de que, enquanto for tão amante da mesa, como costuma ser no intervalo de duas películas, Mário jamais terá necessidade de deitar mãos a tal expediente.

A sua dieta, baseada na teoria de que as proteínas não engordam, consiste em devorar uma pratada de pernas de galinha, bifes mal passados, de duzentas e cinquenta gramas, enormes pedaços de rim grelhado e repetir de tudo.

O pequeno (?) almoço do cantor é constituído por um bife e quatro a seis ovos, refeição que lhe permite dispensar, normalmente, o almoço.

Com grande esforço — Mário confessa que quase endoidece para o conseguir — resiste ao «spaghetti», ao «ravioli» e à «pizza» — pitéus italianos que adora — bem como à cerveja, que não aprecia menos.

Certo dia — quando não tinha ainda preocupação com o seu peso, que chegou a atingir os cento e trinta e seis quilos — Mário Lanza devorou quarenta pedaços grandes de frango assado, numa só refeição, regando-os com um litro de gemada com vinho.

Orgulhoso dos seus cento e vinte e sete centímetros de peito, dos quarenta e três centímetros de biceps e da sua comprovada capacidade para levantar pesos, praticar o pugilismo e jogar o «base-ball», Mário trata a sua voz como se fosse mais uma qualidade atlética.

Ele toma sempre demasiado fôlego, e quando tem necessidade de cantar algum trecho suave, fá-lo com tamanho esforço para se dominar, que alguns ouvintes se sentem mal, esperando vê-lo explodir a todo o momento.

Nos primeiros tempos da sua carreira, Mário exagerava o soluço de Caruso e, a despeito da sua origem latina, o seu italiano era áspero. Tendia a engolir as notas, e o seu timbre era brilhante, mas frequentemente «branco», quer dizer, com falta de ressonância.



Ainda uma cena de «Nas redes do amor», onde aparecem de novo Mário Lanza e Kathryn Grayson. Realizou esta película Norman Taurog.





Duas cenas, plenas de ternura, da película «O grande Caruso», que foi a consagração de Mário Lanza como artista cinematográfico e inigualáveis. Ninguém poderia ter rios e inegualáveis. Ninguém poderia ter cantado com tanta verdade os mais belos triunfos de Enrico Caruso.

Mas o pior dos seus defeitos era forçar a voz, especialmente pela displicência com que se atirava aos agudos, a todo o volume.

Por essa altura, os entendidos temiam que, a persistir nesses abusos, Mário acabasse por estragar a sua voz prodigiosa. A isso o cantor replicava:

— Que posso eu fazer, se Deus me deu esta voz tão poderosa?

Os jornais diziam que todos os tenores do país estavam indigitados para representar o papel de Caruso. No seu íntimo, Betty sabia bem que Mário gostaria de o fazer. Edward Johnson disse a Jesse Lasky que tinha os direitos da história, que Lanza era o homem indicado. Lasky pediu-o emprestado, mas a Metro não o emprestou. Mais tarde juntaram as suas forças. Apesar das intermináveis complicações que se seguiram, a esperança de Betty nunca esmoreceu, nem mesmo quando a Metro deu o projecto por arrumado.

— Não te preocupes — disse ela. — Eles voltarão à carga.

— Não percebo isso — confessou Mário. — Eles já tinham contratado os escritores.

— Despediram-nos — disse Lasky. — Eles têm medo da ópera. A ópera está à cabeça da lista das coisas intangíveis. Mas eu falarei com Mayer.

Por seu turno, Mayer disse: «Dêem-me alguns dias». Em pouco tempo arranjou alguns adeptos não muito entusiastas, para a ideia. No cinema as coisas são assim, estão muitas vezes presas por pequenos nadas.

Uma vez em plenas filmagens, Mário sentiu-se esmorecer. «Tenho medo, Betty. Isto é o mesmo que uma pessoa se pôr num pedestal com o seu ídolo». Este sentimento desapareceu mais tarde. Ele não queria ser Caruso segundo, mas Mário Lanza.

Mário nunca lê revistas. Ele canta o

Mário Lanza, personificando Enrico Caruso, recebe as felicitações dos amigos, após ter arrebatado, uma vez mais, o público apreciador de ópera com uma interpretação magistral.





A DÁDIVA DE DEUS



Dois momentos culminantes de «Serenata», em que intervêm os protagonistas, Mário Lanza e Joan Fontaine. Por estas duas expressões de Mário se traduzem dois estados de alma diversos: felicidade e frieza.



melhor que pode e, se o público gosta, fica muito satisfeito.

Quando filmava Caruso, a homónima da avó, Elissa, nasceu no dia 3 de Dezembro, dois anos depois de sua irmã. Desta vez Mário estava em casa e pôde segurar a filhinha meia hora depois do seu nascimento. Betty ouvia a sua voz misturada com o choro do bebé, e reconheceu que esta estava ainda muito longe de ter a voz do pai.

CARUSO CANTA ESTA NOITE

Era assim que rezavam os cartazes de Hollywood Boulevard, na noite da estreia. Mas as crianças também cantaram. Quando Mária ajudava a mãe e Betty a saírem do carro, seguidas pelo pai, elevou-se uma fresca e juvenil voz de soprano, acalmando o clamor. «Sê o meu amor para que eu não deseje mais ninguém». Por detrás das cordas o cântico alastrou como fogo. «Enche os meus braços do mesmo modo que enches os meus sonhos». Espontâneo, sem ensaio e quente, aquilo comoveu minha mãe... «Eternamente se quiser ser o meu amor».

— Vêem? — disse Mário. — Fizeram chorar a minha mãe.

— Felicidades, Fred!

— Felicidades! — disse ela. — Agradeço-vos em nome de todos. Aconteça o que acontecer lá dentro, vocês fizeram com que a noite começasse maravilhosamente.

O que aconteceu no interior do cinema não vale a pena referir. Excepto que Mário se sentou entre sua mãe e Betty segurando uma mão de cada uma delas. E que o pai quase caiu da sua cadeira aplaudindo. Depois de cada número ele inclinava-se para o seu filho :«Vamos, Freddy, aplaude. Não é bom? Aplaude Caruso». E Mário ria-se.

Mário disse: «Eu observei a mãe e o pai. Para mim aquela era a sua noite. Para mim aquela noite era mais importante porque a minha mãe e o meu pai estavam ali».

Disse Betty: «Mais tarde tivemos uma reunião com alguns amigos íntimos, cerca de 125. Depois que eles se foram embora, sentámo-nos como um par de fantasmas. Não havia palavras a dizer. Beijámo-nos».

A mãe e o pai disseram: «Quando Deus dá tanto, isto choca de tal modo que não sabemos como expressarmo-nos para com Ele».

Quando «Be my love» começou a subir, Betty predisse: «Alcançará um milhão».

Mário respondeu: «Nunca!».

«Aposto 150 dólares contra 100» — volveu Betty. A aposta foi aceite. «Be my love» atingiu o milhão em oito meses.

Na história do Victor's RCA que existia então havia já sessenta e cinco anos, Lanza foi o primeiro vocalista contratado da «gravadora das etiquetas vermelhas» a vender um milhão de discos. Iturbi conseguiu isso com a «Polonaise», mas demorou dois anos. A apresentação do disco de ouro foi feita por José Iturbi. Betty estendeu a palma da mão sob o nariz de Mário e disse-lhe: «Okay, paga!».

Mário assinou um cheque de viajante. «Aqui tens. É a mais agradável aposta que já paguei».

Betty sorriu agradada, dobrou e guardou o cheque, e replicou: «E não penses que vou gastar este dinheiro mal gasto. Queres fazer uma outra aposta? Duzentos dólares contra 160 em como «Loveliest» alcança também o milhão?».

«Loveliest Night of the Year» depressa alcançou aquela astronómica venda, mas desta vez Mário não tinha querido apostar...

Mário foi então contratado para um programa publicitário da Coca-Cola, e as suas actuações ao microfone fizeram aderir, de novo, à rádio, milhares de pessoas que se tinham passado para a TV. Porém, quando se fez saber que a duração desse programa seria apenas de dezassete semanas, os protestos choveram na emissora.



«Porquê sòmente dezassete semanas? Porque não para sempre?»

«Por causa dos compromissos de Lanza: uma película a rodar; e um giro artístico dando concertos».

Tudo maravilhoso, mas para Mário a suprema emoção estava ainda por alcançar. O seu coração pertencia à ópera.

«No cinema não se representa para pessoa alguma, o que me agrada, mas tem de se cantar para um microfone. No concerto canta-se para o público, o que eu adoro, mas sou um Mário Lanza de fato de cerimónia. Eu detesto os fatos de cerimónia. Eu gostaria de cantar em mangas de camisa e pantufas. Na ópera sou alguém e canto para o público. Quando eu estiver no palco do Scala ou do Metropolitano, esse será o meu paraíso.

Vitor di Sabbata, do Scala, convidou Mário Lanza, em 1951, para abrir a época em Milão. A sua aceitação esteve dependente de várias condições, e Mário afirmou então: «Posso esperar. Tenho muito tempo. Ainda não tenho trinta anos. Musicalmente ainda não nasci.

Como qualquer barbeiro-cantor, Mário canta no chuveiro. A sua vibração enche uma casa de vida. Falando com alguém, Mário fá-lo sentir importante. Isto não é um truque, mas um estímulo para as pessoas. Os seus olhos são claros como os de uma criança, e a honestidade é uma das características de Lanza. Quando ele canta não há truques. Se tiver um autógrafo de Lanza, é real. Ele não permitiria que a sua assinatura fosse falsificada.

Uma vigorosa expressão de Mário Lanza, que testemunha a sua valia de actor.

Naturalmente alegre e bem humorado, pode explodir quando a ocasião chega, mas depressa lhe passa. O azedume deprime-o. Na prestação de auxílio, Betty olha primeiro ao carinho, e só em segundo lugar à eficiência.

A seguir à música e ao público, Mário ama a comida. Sentado à mesa para uma refeição, começa a planear a seguinte. Ele leva sempre para casa acepipes em quantidade três vezes superior àquilo que necessita. Se à sua mesa um convidado dissesse: «Isto é tudo o que há?», ele esbracejaria e morreria.



O domingo da família inclui todos os «weillers» e alguns amigos chegados que se sentem como se tivessem chegado de improviso.

A mãe e Betty cuidam da cozinha, enquanto Mário e o pai controlam tudo.

— Faça isso bom, mamã!

— Há trinta anos que faço este cozinhado sempre bom.

— Um pouco mais de gordura — diz o pai.

Sùbitamente, a mãe aborrece-se e explode:

— Os fiscais para fora daqui! Quero a cozinha limpa!

Mário e a família viveram, antes da sua partida para a Itália, em Beverly Hills. Era ali o centro das suas vidas. A mãe e o pai viviam perto deles numa casa que Mário lhes comprara.

Todas as manhãs o pai de Mário e a filha deste, Colleen, tinham um encontro. Ela chegava à janela: «Bom dia, avô». Levando «Tenor», o «spaniel», pela trela, passeavam mais tarde, saudando o carteiro. Charles Boyer, que várias vezes encontrava o avô e a pequenina no seu passeio, diz: «Como uma pequena senhora ela falava comigo e eu achava graça a estar com Colleen e o pequeno cão chamado «Tenor».

As pequenas têm os olhos de Mário, dádiva que Betty agradece à Providência. (Não é que haja qualquer coisa errada com os seus próprios olhos).

Tal como seu pai o fizera antes, Mário

Uma cena emocionante de «Serenata», a película que Lanza filmou para a Warner, depois de ter estado inactivo durante ano e meio, votado ao ostracismo pela sua querela com a Metro.

olha para essas crianças e fica «derretido». Colleen, a primeira palavra que disse foi «mamã». Elissa disse «papá», e a casa pareceu vir abaixo...

Em cada noite há um ritual a cumprir. Depois do banho, Colleens aparece na pequena balaustrada sobre a sala e estende-lhe as mãos. Mário pega numa folha de papel dobrada e atira-lhe com ela. Esta brincadeira é acolhida com alegres gargalhadas. Depois, eles vão para o piso superior.

Deus é então chamado a abençoar uma interminável lista de pessoas, fechada pelo «Tenor» e o «Pretty-boy», o canário.

«Agora canta a canção do bebé».

Docemente, Mário canta «Virgin Slumber Song», gravada para Colleen.

Não importa a hora nem o número de pessoas que tenham em casa. Os Lanza nunca se deitam sem que primeiramente dêem uma volta de automóvel, tal como antigamente o faziam, mas a pé, em Nova



Uma data que Mário, hoje, abençoa: aquela em que se resolveu a cortar com Hollywood, trocando a «Meca» do Cinema pela Roma imortal.

★

Iorque. Também tal como em Nova Iorque, eles riem, fazem planos e sonham. Mário não cantou por todo o mundo por estar tão agarrado ao lar californiano. Um dos sonhos de Mário era o de comprar ali um rancho e dedicar-se à criação de animais.

Mário não é supersticioso. Ele e Betty casaram numa sexta-feira, 13. Este é o seu número da sorte. Inspirada neste número, Betty desenhou uma mola para notas, inscrevendo-lhe: «Querido, que vivamos enquanto nos amarmos e nos amemos enquanto vivermos».

Mário Lanza não é supersticioso, mas ele não vai para parte alguma sem levar aquela mola...

Maria Lanza Cocozza ainda hoje guarda na sua cómoda três retratos que são os seus preferidos e dos quais nunca abdica: o retrato do seu casamento com Anthony Cocozza, um retrato de Mário, poucos dias depois de ter nascido e um outro também de Mário, já homem, mas bastante mais magro do que está agora.



«Mário emagreceu para o filme que interpretou sobre a vida de Caruso. Mas creio que não tinha necessidade de o fazer porque o próprio Caruso era gordo. Eu ouvi Caruso uma vez, em Filadélfia. Que voz! Penso que o meu Mário canta tão bem como ele. Sempre que dizia isso a meu filho, ele respondia-me: «Mamã, mamã, não tem consciência? Não tem ouvidos?». Não importa. O próprio maestro Koussevitsky beijou Mário quando o ouviu e arranjou-lhe um concerto. E o meu filho cantou para o Vice-Presidente dos Estados Unidos. Durante muito tempo Mário cantou acompanhando os discos velhos de Caruso e pretendendo que cantava como uma verdadeira «estrela» da ópera. Agora Mário tem tudo quanto sonhámos para ele: uma encantadora esposa, Betty, uma linda casa, grande sucesso com a sua voz, e as crianças. Elissa nasceu exactamente no tempo em que Mário estava indigitado para a abertura da temporada no Scala de Milão. Por isso ele ficou em casa. Também nessa Primavera Mário não

★

Uma data histórica que para sempre perdurará no espírito de Mário Lanza: em 1957, no «London Palladium», o grande cantor ítalo-americano é felicitado pela Rainha Isabel de Inglaterra.



pôde ir. Ele caiu e partiu um tornozelo, pobre rapaz. Mas anda sempre tão à pressa... Isto tinha de acontecer. Ainda bem que isso sucedeu entre dois filmes. Estou mesmo a ouvi-lo dizer: «Olha, mamã, falas mesmo como um agente artístico...».

Estas palavras foram escritas por Marie Cocozza justamente em 1952, pouco depois de terem terminado as filmagens de «O Grande Caruso».

Quando a Metro e Lanza acordaram fazer um filme biográfico do inesquecível Enrico Caruso, o tenor solicitou que fosse chamado o doutor Peter Herman Adler, para reger a música do filme.

Aceite a sugestão, o célebre maestro transladou-se para Hollywood e as filmagens decorreram da melhor maneira.

O filme correu todos os mercados mundiais, constituindo um êxito sem precedentes. E todos foram unânimes em afirmar que um só homem poderia dar tamanha verdade à vida de Caruso, por possuir uma voz tão assombrosa como Caruso: Mário Lanza.

Foi pouco depois da conclusão do seu terceiro filme, «O Grande Caruso», que surgiram as desinteligências entre Lanza e a Metro.

— A luta de 1952 — confessa agora Mário — já passou à história. O estúdio e eu lutámos como o gato e o cão. Mas eu aprendi bem a lição. Verifiquei que os meus «amigos» mereciam tudo menos esse qualificativo.

Lanza opina que para esses seus falsos amigos, as notas do «Grande Caruso» não eram mais do que toques de campainha de uma máquina registadora.

A verdade é que, então, algo pareceu ruir dentro de Mário: o seu mundo de ilusões, um mundo que estava dentro do seu coração e do qual não queria separar-se.



Uma vez em Roma, Mário Lanza parece ter encontrado o seu verdadeiro «ego», talvez porque os italianos sentem como ele, são expansivos como ele, e o consideram como um homem às direitas. A primeira película italiana de Mário Lanza foi «As sete colinas de Roma», de que deixamos aqui duas imagens.

Começaram a querer comandar a sua vida, a modificar o seu modo de ser. Mário revoltou-se e barafustou, e protestou, porque não queria ser um boneco sem vontade nas mãos enclavinhadas de homens que, mais do que gente de cinema, semelhavam financeiros sem escrúpulos procurando atingir, fosse de que maneira fosse, avultados lucros.

Depois de ter auscultado o tremendo êxito que viria a ser «O Grande Caruso», a avaliar pelas vitórias retumbantes alcançadas nas primeiras apresentações, Lanza propôs que se filmasse «O Príncipe Estudante».

Os magnates da empresa, replicaram, respondendo à sua sugestão:

— Formidável, Mário! Isso é uma ideia sensacional.

Tudo parecia, portanto, que o filme seria uma realidade. Durante cinco meses, o cantor não pensou noutra coisa, certo de que, terminado o habitual período de inactividade para descanso, depois de terminado cada filme, principiaria a rodagem de «O Príncipe Estudante».

Pura ilusão! De repente, no estúdio, surgiram com a ideia de «Because you are mine» (O cantor apaixonado), que viria a ser o quarto filme de Lanza em Hollywood.

— Como perguntasse o porquê dessa mudança, caí em desagrado. Foi sob protestos que rodei esta película — confessa Lanza. — Eles diziam-me para ir conversar com eles, mas eu não lhes ligava importância.

As filmagens foram decorrendo sob uma atmosfera de mal-estar e, um belo dia, um dos directores, depois de apelidar o cantor de idiota, ameaçou-o de lhe partir os dentes.

Claro que, com o feitio que tem, Mário ripostou na mesma moeda, e daí começou a ser apelidado de temperamental.

— Temperamental — esclarece Mário — para eles era uma maneira de negarem qualquer coisa...

O filme, porém, concluiu-se e, como todas as películas do grande cantor, foi um êxito assinalável.

Passou algum tempo e, certo dia, inesperadamente, os directores do estúdio chamaram Mário Lanza, convidando-o a protagonizar «O Príncipe Estudante».

— Fosse lá uma pessoa compreender uma atitude destas.

E Mário Lanza, após este desabafo, confessa que, embora protestando, acedeu a fazer a película. Agora o seu protesto não era, claro, baseado no filme que sempre desejara fazer, era-o, sim, nas suas desconcertantes atitudes.

«A Dádiva de Deus» tinha efectuado já a pré-gravação das canções e filmara algumas cenas, quando, por uma manhã brumosa, apareceu no «set» onde se procedia às filmagens um dos directores da empresa que era portador de um cheque de cinquenta mil dólares, preenchido em nome de Mário Lanza. Era, segundo afirmou, um bónus pelo seu filme anterior, «O cantor apaixonado».

Tudo o que havia a fazer para que aquele cheque fosse parar à carteira do Alfred Arnold Cocozza, o rapazito nascido ao sul da Filadélfia, era assinar um novo contrato para «O Príncipe Estudante», cuja música Mário já tinha gravado e até filmado algumas cenas, mas, desta vez, muito mais baixo, claro.

Ao recordar a cena que então se desenrolou, Mário diz:

— Dei um pulo levantando-me da cadeira em que me encontrava sentado, e saí desabaladamente pela porta fora, correndo desesperadamente até alcançar o meu carro. Quanto ao tal director correu também, atrás de mim, sempre a acenar-me com o cheque.

Completamente descontrolado, revoltado com a deslealdade de que fora alvo, Mário dirigiu-se ao escritório do agente do malogrado Tyrone Power e, entrando de rompante, gritou:

— Singer, dê-me cinco mil dólares!

A princípio o agente negou-se a dar ao cantor semelhante quantia, mas este não o largou enquanto não conseguiu os seus intentos.

A partir de então, Lanza foi votado ao ostracismo por aqueles mesmos homens que passavam a vida a tratá-lo por «Baby».



Depois de ter concluído «O Grande Caruso», Mário propôs aos estúdios que se fizesse «O Príncipe Estudante». A empresa concordou plenamente, e durante seis meses Mário não pensou noutra coisa. Afinal, pouco depois chamavam o actor para protagonizar «O cantor apaixonado», película a que pertencem as três imagens desta página. Filme de ambiente militar, o seu argumento tinha certa semelhança com esse período da vida real do cantor.





Dada a maneira como as coisas corriam para si, Mário chegou a pensar que nunca mais cantaria. Perdeu a confiança nas suas possibilidades. Passou algumas noites a chorar — segundo a sua própria confissão. Era como se vivesse num vácuo enorme, com o pensamento fixo numa enorme, numa incomensurável dúvida. E, no entanto, Lanza tinha a certeza de que sabia cantar, de que nunca conseguiriam roubar-lhe a voz, que era um atributo pessoal que Deus lhe ofertara.

— Pensava nos meus pais, nos sacrifícios que ambos tinham feito, especialmente a mamã, que trabalhara estoicamente para que eu pudesse dedicar-me ao canto, e encontrava dentro de mim a convicção de que haveria de voltar à anterior posição. Tinha mesmo que voltar.

Durante o espaço de ano e meio, Mário Lanza esteve completamente ocioso. Depois, ainda na América e para a Warner, o cantor filmou «Serenade» (Serenata), ao lado de Joan Fontaine e de Sarita Montiel.

Depois, mais tempo se passou e Mário continuou votado ao ostracismo pelos magnates do cinema, que o consideravam demasiado temperamental.

A par do êxito e da riqueza alcançados de um dia para o outro, havia algo que parece prender Lanza a Hollywood. Apanhado na realização do seu sonho de menino, não era de esperar que Lanza assumisse o papel de artista maduro, de quem o público viesse a esperar execuções brilhantes. Para Mário era mais fácil ver-se como prodígio, levado aos ombros pelas multidões de admiradores. O próprio Caruso jamais foi tão delirantemente aplaudido quando das suas «tournées» pela América. Em Baltimore, certa vez, os admiradores de Lanza arrombaram uma porta para se aproximar do tenor. Em Pitsburgo, onde duas mil pessoas pagaram para o ouvir ensaiar, duas raparigas tiveram de ser conduzidas ao hospital. Contando o que foi a loucura que o seguiu por toda a parte, Lanza diz: «Querem os meus botões e o meu lenço, arrancam-me as lapelas e beijam-me. E como beijam! Confesso que gosto imenso».

Vendo-se, de súbito, posto à margem, Mário não podia deixar de sofrer, como sofreu, um grande golpe.

O desejo de vencer de novo, porém apossou-se dele e, ao fim de quase seis anos, após o seu rompimento com a Metro, Lanza abandonou Hollywood, voando para Roma, onde se sente outro.

— Aqui sinto-me criança — diz ele. — Exulto, grito. Adoro isto. Aqui em Roma posso sonhar, excito-me com ideias de canções, com projectos de filmes.

Pouco a pouco Mário recomeçou a achar bela a vida, pois em Roma pode fazer o que lhe apetece, ir onde deseja, privar com quem lhe agrada.

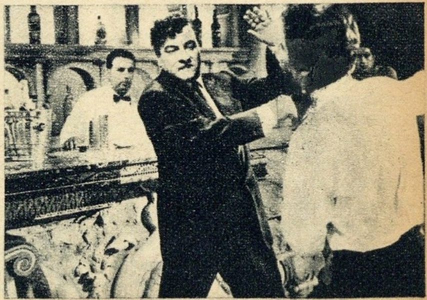
— Em Roma posso ser feliz — confessa. — Ser eu próprio. Posso olhar bem para a frente e tentar tirar o máximo proveito da vida.

Na verdade, a estadia de Mário em Roma parece ser salutar. Apenas há vinte e dois meses na capital italiana, o cantor já fez dois filmes: «Seven Hills of Rome» (As sete colinas de Roma) e «For the First Time» (Pela primeira vez) e tem mais quatro películas em preparação. Como se isto não fosse suficiente, Mário tem gravados cinco álbuns de discos, alguns dos quais foram já postos à venda, obtendo grande êxito.

Mário Lanza sente-se bem na Itália porque, segundo opina, é um país onde existem muitas pessoas como ele. Na verdade, os italianos são impulsivos, cantam, pulam e gritam, tal como ele gosta de fazer. E, além disso, são simples e sinceros, dirigindo-se-lhe com à-vontade: «Olá, Mário, que há de novo?». «Vamos comer um bom jantar?». «Vamos aqui ou ali?». «Vamos dançar um bocado?».



Mário filmou «O Cantor Apaixonado» sob protesto, uma vez que se acordara filmar «O Príncipe Estudante», o que mais tarde deu origem a um rompimento entre o actor e o estúdio. Por causa disso, Mário tornou-se irritável e sujeito a grandes flutuações de carácter. Tão depressa era calmo e delicado, como provocador e agressivo.



Podemos ter a certeza absoluta de que Lanza não se sente um estrangeiro em Itália.

— Aqui — diz o tenor — vou aliviar o meu coração a cantar. Porque me sinto bem e sem tutelas, vou ser o melhor rapaz do mundo e hei-de fazer belos filmes. Só é preciso para que tudo se passe como eu visiono que ninguém comece a querer dar-me ordens, nem demonstre nas suas relações comigo que apenas visa ao lucro mesquinho.

Para se avaliar como Mário está modificado, bastará dizer que o mesmo homem que invariàvelmente chegava atrasado a toda a parte, hoje, invariàvelmente às dez e meia da manhã, se encontra no seu escritório, rodeado por pessoas da Televisão, da Rádio ou do Cinema, com quem tem de tratar de assuntos relacionados com estas actividades.

Fora dos estúdios, Mário Lanza passa a maior parte do tempo em casa, junto da família. Tem sete criadas, além de outro pessoal doméstico e um motorista.

Sua mulher, Betty Lanza, recebe muitas vezes crianças italianas, amigas dos seus filhos, a quem oferece lindas e alegres festas.

Uma das facetas mais salientes do carácter de Mário — que tão bem se identifica com o modo de sentir do povo italiano — é a sua predisposição constante para obsequiar toda a gente.

Considerando que a voz de um tenor apenas alcança a sua plenitude e maturidade aos 35 anos de idade, poderemos concordar com o cantor quando ele afirma agora estar no princípio da sua carreira. E, ao admiti-lo, somos forçados a admitir também que Mário está senhor de excepcionais condições para singrar e subir ainda mais alto, pois que, nesta altura da sua carreira, ele já aprendeu todas as regras e todos os segredos do jogo. As ilusões esfumaram-se já, e perfeito conhecedor do valor de uma nota de dólar, está preparado para falar com os magnates na sua própria linguagem.

— Daqui para diante — esclarece o cantor — vou entrar no jogo deles. O jogo da nota de dólar. Podem continuar a tratar-me por «Baby» e «Darling», mas sòmente pelo preço que eu estabelecer. E, mais, não abdicarei, sob pretexto algum, da minha verdadeira personalidade.

Nos últimos tempos, Mário Lanza tem-se mantido na casa dos noventa quilos, mas sempre que está para tomar parte em filmagens submete-se, durante 30 dias, a uma dieta especial, que o faz abater cerca de 5 quilos, pelo que, quando aquelas se iniciam, pesa aproximadamente 85 quilos.

Uma das razões por que Mário se sente bem na Itália é por sentir uma especial afeição pelos italianos. Mas é raro contactar com membros da alta sociedade. Os seus amigos são recrutados entre os jovens que com ele trabalham numa película, ou outros com quem trave conhecimento na rua, depois de descobrir que têm parentes na mesma terra.

Mário Lanza e Betty descansam em Las Vegas, depois de concluídas as filmagens de «O Cantor Apaixonado», que haveria de ser a sua última película americana para a M.G.M.



Mário não gosta de estar só. Nunca gostou. É capaz de convidar 10 ou 15 pessoas, ao mesmo tempo, para jantarem consigo e a família num restaurante. A sua maior preocupação é que todos se divirtam.

Em Roma, Mário sente-se tal como se vivesse no Paraíso. E essa sensação é tão benéfica e tão salutar que, mesmo quando depois de uma boa paródia, regressa a casa altas horas da noite, não sente a menor dificuldade em começar a trabalhar às 8 horas da manhã, tal como nos outros dias.

— A vida não é só trabalho — opina ele. — Os italianos sabem divertir-se, e quando se zangam fazem-no de uma maneira pessoal, directa, quente. A vida para mim, hoje, é bela como nunca o foi.

Actualmente, Mário sente-se possuído pelo desejo de continuar a trabalhar sem nunca parar. Gostaria de nunca ter de abandonar a sua carreira.

— Eu previ tudo o que me ia acontecer — costuma afirmar. — Na Filadélfia do Sul era ainda muito jovem e já sabia que haveria de ser cantor... E quando cheguei aos 17 anos diziam que eu viria a ser um grande divo.

De quando em quando, porém, Mário recorda ainda as coisas de que foi vítima na Meca do Cinema.

— Vi — diz ele — como as pessoas, quando querem, podem ser más e ferir, como nos apertam a mão, vendo nelas apenas o símbolo de uma nota de dólar.

Mário, que, segundo confessa, não tem quaisquer saudades de Hollywood, considera a capital do cinema como um mundo de banqueiros, que perdeu a sua característica de capital onde havia sempre a acontecer em todas as horas de todos os dias algo de maravilhoso.



Ainda na América, Mário filmou «Serenata» para a Warner Bros. Ei-lo numa cena dessa película, com Jean Fontaine e a hoje célebre Sarita Montiel.

— Não me interessa voltar lá. Interessa-me, sim — confidencia o grande cantor — ir ver mundo e cantar. O Médio e Extremo Oriente e a Rússia atraem-me. Agora sei o que quero: viver!

Depois de ter trabalhado ao lado de Marisa Allasio e Za-Za Gabor, Mário tem na sua agenda quatro novas películas: uma italiana, duas alemãs e uma americana. Mas os agentes de Hollywood já lutam entre si pelos direitos de distribuição dos três filmes europeus.

Segundo pensa sua mulher, Mário está agora no topo da sua carreira.

— Um dia — diz ele — vou apresentar ópera num filme. Naturalmente para fins lucrativos, mas também para ser exibido nas escolas e nos hospitais, para que todos o vejam.

Considerado em Hollywood um temperamental, um lunático, um irascível, Mario Lanza é considerado em Roma, pelo homem da rua, como um rapaz às direitas, que pensa e actua como se fosse italiano, que bebe vinho e se diverte tal como o fazem os italianos.

A grande diferença que há entre Hollywood e Roma está traduzida perfeitamente nesta afirmação de Lanza:

— Em Hollywood eu era um benemérito profissional. Aqui, a caridade é quente, directa, pessoal.

Por toda esta história singela da vida de Mário Lanza se pode avaliar da sua maneira de ser sã e alegre a que uma vaidadezinha — um pouco justificada, vamos lá — não consegue tirar beleza.

Porém, como observadores desapaixonados que somos nesta questão e analisando os factos à luz exclusiva da razão, sem que qualquer partidarismo nos cerceie a capacidade de descernimento, vemo-nos forçados a opinar que nem só Hollywood terá culpas neste seu divórcio artístico de Mário Lanza.

Sendo o cinema, acima de arte, uma indústria e, como tal, tendo em mira a obtenção do maior lucro possível, não podemos aceitar que, por simples capricho, viesse a prescindir de um «astro» que — não vem ao caso aprofundar porquê — conseguira aureolar-se de uma popularidade que era garantia absoluta do êxito financeiro das suas películas.

Bastará referir-se, para que se possa avaliar o carinho que o público tributava a Mário Lanza que na sua estreia no Hollywood Bowl, em cuja história a maior ovação fora tributada ao insigne violinista Jascha Heifetz, prolongando-se por dezasseis minutos, Mário conseguiu mais quatro minutos de aplausos, ou seja, foi ovacionado entusiàsticamente pelo espaço de 20 minutos.

Tudo isto parece concorrer iniludìvelmente para nos levar a pensar que Mário Lanza terá também uma quota parte de culpas. Acreditamos sinceramente que o regime alimentar que era forçado a seguir para diminuir de peso par altura das filmagens, roubasse a Mário Lanza a boa disposição, tornando-o irritável, complicativo e impertinente, fazendo-o mesmo perder o domínio da sua personalidade.

Provado cientìficamente que a um determinado estado fisiológico corresponde um certo estado psicológico, nada nos repugna acreditar que Mário por vezes merecesse a designação de temperamental com que Hollywood o rotulou, quando sujeito a qualquer regime especial.

Não será a irritabilidade dessa maravilhosa Maria Callas uma repetição do «descontrôle» que parece ter assaltado Mário Lanza, algumas vezes? Tudo parece indicá-lo. Um e outra, cantores excepcionais, à sua perda de peso correspondem pronunciadas variações de humor.



O MISTÉRIO DE MÁRIO LANZA

Um artigo de
A. R. ST. JOHNS

No que se refere a Mário Lanza, ninguém pode permanecer neutral. Vi a sua filha Elissa, de dois anos — isto passou-se em 1952 — e pouco desenvolvida para a sua idade, dirigir-se-lhe e dizer-lhe:

— Canta-me qualquer coisa, papá!

Mas o papá permaneceu imóvel, observando-a e fazendo-a esperar do mesmo modo que fez esperar o mundo mais de ano e meio para de novo o deixar escutar a sua voz gloriosa.

Elissa, sacudindo as suas tranças negras, franziu o sobrolho e gritou:

— Depressa, não me faças aborrecer!

Mário começou a rir às gargalhadas e iniciou uma ária de ópera. Elissa sorriu. Sua irmã, de quatro anos, Colleen, iniciou um aplauso, e até a pequenita Damon Lanza, apenas de quatro meses, começou a tagarelar no seu berço. A esposa de Mário, a formosa Betty Hicks, intervinha também no quadro, com as lágrimas aflorando os seus olhos de irlandesa.

Nesse momento, Mário era adorado por todos. Mas, apenas um instante antes, a exasperada Elissa estivera à beira das lágrimas. É assim mesmo. Nem sequer as suas filhas podem permanecer neutrais.

Também eu não sou neutral, e daqui a momentos vos direi porquê. Mas quer se ame Mário, quer se odeie, o seu mistério é igualmente desconcertante. Que poderá transformar esse rapazão num ídolo ou num monstro? Por que razão os seus caprichos são mais difíceis de tolerar do que, por exemplo, os de Clark Gable, quando era jovem? Porque é que as raparigas o adoram, na medida em que os produtores o detestam?

Estas perguntas são muito importantes porque, quando todos esperavam que Mário Lanza se convertesse num dos «astros» e atracções de bilheteira maiores de todos os tempos, a sua actividade artística chegou a um ponto morto.

O «astro» autodidacta, nascido em Filadélfia, que conseguiu ganhar um milhão de dólares por ano, com filmes como «Aquele beijo à meia-noite», «Nas redes do amor» e «O grande Caruso», e com discos tão formidáveis como «Sê o meu amor» e «A noite mais bela do ano», não produziu em 1952 absolutamente nada.

Asseguraram-me, então, que era inútil tentar obter uma explicação de Lanza, que não ganhara uma medalha por ser o actor mais comunicativo de Hollywood, etc.

Apesar de tudo, telefonei-lhe e tratei de combinar uma entrevista com ele.

Quando obtive a ligação, Mário acabava de ser despedido da Metro--Goldwyn-Mayer porque, segundo diziam, os fizera gastar mais de oitocentos mil dólares com as suas demoras imperdoáveis para as filmagens de «O Príncipe Estudante». A citada empresa intentara, além disso, uma acção contra ele, exigindo-lhe uma indemnização de cinco milhões de dólares por rutura de contrato, danos e perdas.

Era um assunto extremamente delicado de abordar, mas Mário mostrou-se extremamente cortês. Disse-me que poderia passar com ele e a família aquele dia, o seguinte, ou qualquer outro, e fazer-lhe quantas perguntas quisesse. Fixámos uma data, mas antes desse dia telefonou-me. Receei que fosse verdade aquilo que diziam os meus amigos: que ele tomava compromissos que depois nunca cumpria. Felizmente, não se tratava disso. Mário queria simplesmente comunicar-me que a sua contenda com a Metro tinha sido sanada.

— Pensei que gostaria de o saber — disse ele. — Chegámos a um acordo, e não ficou qualquer rancor. Foi como que uma daquelas lutas de rua, em que eu intervinha com frequência quando era pequeno. Maltratavamo-nos de grande, mas quando acabava a refrega ficávamos tão amigos como éramos anteriormente. Por vezes até me parecia que tudo aquilo não passara de um sonho. Neste instante sinto uma coisa muito semelhante.

No dia seguinte foi anunciado que o estúdio utilizaria os discos gravados por Lanza, no mês de Agosto anterior à disputa, mas que o papel de Mário seria desempenhado por outro actor.

Quando Mário me telefonou, fiz-lhe algumas perguntas. A primeira, como se chamava a ária que cantava quando a família descobriu que tinha uma voz extraordinária. Em vez de me dizer o seu nome, cantou-ma.

Haverá algo mais maravilhoso do que ter Lanza, cantando especialmente para determinada pessoa? Foi, então, que compreendi que não poderia manter-me neutral.

Pouco depois, a campainha do telefone soou de novo. Levantei o auscultador. Não funcionava. O empregado que veio repará-lo «diagnosticou» uma rutura no disco.

Como os meus amigos o haviam previsto, a nossa entrevista efectuou-se com atraso. Mário telefonou-me para me explicar que Betty mandara limpar as alcatifas da sala, e que o homem que se encarregara desse serviço não o terminaria senão daí a meia hora...

Enquanto subia a encosta que conduzia à casa dos Lanza, em Bel-Air, tinha a mente povoada de interrogações, mas todas elas se resumiam nesta: Como seria o Lanza que eu ia encontrar?

Em breve tive resposta a essas perguntas.

O Mário Lanza, a cuja presença fui conduzida, era um homem corpulento, de amplo sorriso e amável trato. Embora o fato que vestia, feito por medida, cumprisse a sua missão, não lograva disfarçar totalmente a sua gordura.

Cento e treze quilos não podem assentar bem a um homem que tem 1m,77, mesmo usando sapatos especiais para aumentar a estatura.

— Naturalmente — disse-me — engordei um pouco. Mas agora estou a abater. Ainda não notou que as pessoas, quando estão aborrecidas, engordam ou emagrecem? Pois bem, ou sou das que engordam. Mas como agora se acabaram as preocupações, não me surpreenderia se baixasse para os setenta e cinco quilos. Veja. Aqui tem o meu almoço.

Pegou numa bolacha de água-e-sal, barrou-a de caviar e deu-lhe uma dentada sem grande entusiasmo.

Fiquei a pensar que as mudanças de peso ocasionam flutuações do carácter, e que como Mário fora forçado a baixar até aos 81 quilos quando do início das filmagens de «O Príncipe Estudante», talvez estivesse aí a razão de todas as dificuldades com a Metro.

Por outro lado, havia a considerar a sua vaidade pessoal, bem expressa no caso do disco em que Silvesty inscrevera o seu nome, quando fora gravado por um tenor do Metropolitan, e ele depois dizia ter sido gravado pelo próprio Caruso.

Caruso é o seu ídolo, e Mário crê, com sinceridade, ser a reincarnação do grande Enrico.

— Enquanto representava o seu papel, eu era Caruso. Sugestionei-me pensando que era o verdadeiro Caruso, e isso deu resultado. Calculara-se um período de três meses para as filmagens, mas concluí a película em 31 dias. E essa é uma das coisas de que eles se esquecem.

De certo modo, o mistério de Mário Lanza é em Hollywood um assunto de muita importância, não só para o mais popular e provàvelmente maior cantor do nosso tempo, como para o cinema, que, como todos sabem, atravessa uma crise.

Na minha opinião, Mário Lanza foi, e certamente ainda é, um «astro» capaz de provocar o renascimento da Sétima Arte, e, no entanto, devido a uma controvérsia, esteve imenso tempo longe do cinema.

Mas é preciso compreendê-lo. Lanza transformou-se repentinamente numa mina de ouro, e não soube enfrentar todos os problemas inerentes a tal transformação.

Por outro lado, o que ele quer é cantar. Sente-se mais feliz e canta melhor quando pesa à volta de noventa quilos. Para filmar baixa até aos setenta e seis.

— Com esse peso — confessa — sou capaz de matar seja quem for. Torno-me irritável. Atiro com coisas às pessoas...

O doutor Peter Herman Adler que, a pedido de Lanza, se deslocou a Hollywood para dirigir «O Grande Caruso», disse:

— Os cantores de ópera são como os animais selvagens; devem ser domados e mantidos sob férrea disciplina. Mário foi para Hollywood e a cidade transformou-se no seu Frankestein. A pressão que teve de suportar foi tremenda. A sua voz não está ainda colocada. Sabe que se elevou demasiado depressa e tem medo, medo que tenta compensar com auto-elogios e exibicionismos. Dêem-lhe dez anos com a companhia de ópera adequada, e não haverá ninguém capaz de se lhe comparar.

Talvez a Metro não tivesse um bom domador...

De qualquer maneira, a Empresa ficou tão aturdida como o próprio Mário.

Naquele dia que passei com os Lanza descobri uma coisa que nunca me tinham dito: que Mário tem uma fantástica mentalidade musical. O seu professor, Constantine Callinicos, opinou que Mário pode aprender a partitura de uma ópera em poucos dias, e afirmou que ele sabia sessenta óperas e era capaz de dirigir qualquer delas.

Antes de terminar aquela visita à casa dos Lanza, uma casa muito bela, mas que nada tinha de «palácio», como alguns diziam, falei a Betty dos rumores que corriam acerca da leviandade de Mário com mulheres.

— De acordo com as minhas informações — disse ela — só tenho uma rival.

— Quem é?

— Hedda Hopper!

— Ah! — gritou o cantor. — Tem as pernas mais bem feitas que conheço.

Rimos todos da brincadeira, mas achei interessante telefonar no dia seguinte a Hedda. Soube que era uma boa amiga do cantor e que estava inteiramente do seu lado, sempre e em qualquer campo.

E assim cheguei ao fim destes breves apontamentos do que foi uma tarde passada em casa de Mário Lanza quando, em 1952, rebentara a sua controvérsia com a Metro.

FIM

No próximo número:

DEBBIE



REYNOLDS

a mais azougada

«estrela» de

HOLLYWOOD







N. 46

PREÇO 2$00